

# Os Judeus na Universidade de Coimbra

Alguns dos melhores portugueses foram judeus. Isso foi assim em geral em todo o país e também foi assim na cidade de Coimbra e na Universidade de Coimbra, que - no seu melhor - têm sido sempre parte do melhor deste país. Infelizmente, muitos deles foram vítimas de intolerância religiosa. Se hoje não somos como país melhores, a responsabilidade vai em grande medida para a perseguição que, a partir do reinado de D. Manuel I, foi movida aos judeus. De facto, alguns dos que conseguiram fugir à sanha inquisitória guindaram-se a locais de topo nos países que os albergaram, elevando esses países, tendo a sua fama aqui alcançado justa repercussão.

As obras dos judeus portugueses que foram escolhidas para a exposição “Coimbra Judaica” realizada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra abrangeram os mais variados domínios do saber humano, do direito à filosofia, da literatura à economia. Mas também na ciência que alguns judeus se distinguiram entre nós, sendo essa distinção tanto mais de assinalar quanto eles chegaram ao bom porto das suas descobertas e invenções movendo-se em águas revoltas e enfrentando ventos adversos. A metáfora marítima não deixa de ser apropriada pois os dois expoentes máximos na ciência portuguesa no tempo dos Descobrimentos, que figuram aliás no areópago mundial da ciência, o matemático Pedro Nunes e o botânico Garcia da Orta, tinham ascendência judaica. Os dois estudaram medicina em universidades espanholas e os dois foram professores na Universidade de Lisboa que haveria de ser transferida para Coimbra (Nunes deu aulas em Coimbra e Orta só não as deu porque, antes dessa transferência, embarcou na carreira da Índia). Se o

Carlos Fiolhais

Director da Biblioteca Geral  
da Universidade de Coimbra

primeiro não foi em vida perseguido talvez por haver dúvidas sobre a sua genealogia (foram-no os seus netos), o segundo ficou para a história como símbolo da perseguição quando os seus ossos foram exumados para serem sujeitos ao fogo do Tribunal do Santo Ofício de Goa em 1580, quando Portugal perdia a sua independência (para além do facto de uma sua irmã ter sido queimada viva). É lícito pensar se não teria sido ainda maior a grandeza lusa no tempo da expansão marítima se ela não tivesse sido ensombrada pelas preconceituosas acusações aos judeus.

Bastante mais tarde, nos tempos pombalinos, outros judeus ou cristãos-novos conheceram as agruras do exílio distinguindo-se na ciência. Bastará dar como exemplos os nomes de dois médicos que passaram pela Universidade de Coimbra: Jacob de Castro Sarmiento, que, depois de terminado o seu curso em Coimbra, se viu forçado ao exílio em Inglaterra, onde foi membro do Royal College of the Physicians e da Royal Society, e António Nunes Ribeiro Sanches que, após estudar Direito em Coimbra, cursou Medicina em Salamanca e se estabeleceu em primeiro lugar nos Países Baixos e depois na Rússia, tendo prestado serviços na corte dos czares, para terminar a sua vida em França. Castro Sarmiento conheceu Newton, tendo sido o primeiro a traduzir alguns escritos dele para português; por sua vez, Ribeiro Sanches, foi o único português a colaborar na Enciclopédia Metódica coordenada por Diderot e d'Alembert, com um artigo sobre doenças venéreas. Nessa época em que as luzes triunfavam na Europa, as chamas da Inquisição ainda ardiam no reino português. Os dois, embora à distância, desempenharam um papel de relevo na Reforma da Universidade de Coimbra que o Marquês de Pombal ordenou em 1772. Podemos pensar se o ressurgimento nacional das ciências nessa época não teria sido maior se acaso eles pudessem ter cá permanecido...

A Universidade de Coimbra, através da sua Biblioteca Geral, teve o maior gosto em associar-se à Câmara Municipal de Coimbra ao organizar a exposição “Coimbra Judaica”, na histórica Sala de São Pedro, que recordou e celebrou, através dos seus livros, uma mão cheia de nomes de judeus portugueses famosos na ciência: Pedro Nunes, Garcia da Orta, Jacob de Castro Sarmiento e António Ribeiro Sanches, mas também Abraão Zacuto, Francisco Sanches, Cristóvão da Costa, Amato Lusitano e outros. E famosos também nou-

tras áreas, como Isaac Abravanel, Leão Hebreu, Uriel da Costa, António José da Silva, etc. Ao bibliotecário António Eugénio Maia do Amaral são devidos rasgados agradecimentos pelo cuidado posto na selecção das obras e na respectiva exposição. Não podemos reparar os erros da história, mas podemos reparar neles, mostrando que não os olvidámos. A evocação, através das suas obras, dos melhores de nós só nos poderá ajudar a tornar melhores.

